

Cenários educacionais: construção de narrativas (auto)biográficas para a formação inicial docente em Geografia

Educational Scenarios: Crafting (Auto)biographical Narratives for Initial Teacher Education in Geography

Escenarios Educativos: Construcciones de Narrativas (Auto)biográficas para la Formación Inicial Docente en Geografía

Stalin Braga de Lima*

*Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil – stalin.braga@gmail.com

Recebido em 30/04/2026. Aceito para publicação em 30/07/2026.
Versão online publicada em 12/10/2026 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Neste artigo, faço a organização da aplicação de uma metodologia com narrativas (auto)biográficas que emerge da prática de formação inicial docente com estudantes de Geografia. A proposta que chamo de Cenários Educacionais junta a criação de cenários do jogo Role-Playing Game (RPG) com conhecimentos metodológicos elaborados a partir da Biografização Delory-Momberger (2011), Geo(BIO)grafia (Portugal, 2013) e a Auto(hetero)biografização (Abrahão, 2023). O objetivo do artigo percorre três pontos importantes: mensurar a potencialidade de criar cenários funcionais e dinamizados que possam servir como formação docente, analisar as experiências de vida narradas e discutidas a partir do método (auto)biográfico com estudantes de Geografia e compreender de que forma o conceito de Lugar que é narrado por estes estudantes repercute em sua construção da identidade docente. Considero que a metodologia é potente e que consegue produzir uma relação de grande percepção sobre as vivências das estudantes de Geografia participantes, abrindo espaços para que temas sensíveis, aprofundamentos conceituais e a percepção sobre a experiência docente sejam amplamente trabalhados durante a formação.

Palavra-chave: Ensino de Geografia. Formação docente. Narrativas (auto)biográficas. Lugar.



Abstract:

In this article, I organize the application of a methodology involving (auto)biographical narratives that emerges from initial teacher education practices with Geography students. The proposal, which I call Educational Scenarios, integrates the creation of Role-Playing Game (RPG) scenarios with methodological knowledge drawn from Delory-Momberger's Biographization (2011), Geo(BIO)graphy (Portugal, 2013), and Auto(hetero)biographization (Abrahão, 2023). The objective of the article addresses three main points: to assess the potential of creating functional and dynamic scenarios that may serve as teacher training, to analyze the life experiences narrated and discussed through the (auto)biographical method with Geography students, and to understand how the concept of Place, as narrated by these students, reverberates on the construction of their teaching identity. We consider that this methodology is potent, and that it can foster a deep awareness of the lived experiences of the participating Geography students, opening up spaces for the exploration of sensitive themes, conceptual deepening, and a broader understanding of the teaching experience throughout the training process.

Keywords: Geography Teaching. Teacher Education. (Auto)biographical narratives. Place.

Resumen:

En este artículo, presento la organización de la aplicación de una metodología con narrativas (auto)biográficas que emerge de la práctica de formación inicial docente con estudiantes de Geografía. La propuesta que denomino Escenarios Educativos integra la creación de escenarios del juego de rol, Role-Playing Game (RPG) con conocimientos metodológicos elaborados a partir de la Biografización (Delory-Momberger, 2011), Geo(BIO)grafía (Portugal, 2013) y la Auto(hetero)biografización (Abrahão, 2023). El objetivo del artículo se organiza en tres puntos principales: medir la potencialidad de crear escenarios funcionales y dinámicos que puedan servir como formación docente; analizar las experiencias de vida narradas y discutidas a partir del método (auto)biográfico con estudiantes de Geografía; y comprender de qué forma el concepto de Lugar narrado por estas estudiantes repercute en su construcción de identidad docente. Considero que la metodología es potente y logra producir una relación de mayor comprensión de las vivencias de las estudiantes, abriendo espacios para que temas sencillos, profundizaciones conceptuales y la percepción de la experiencia docente sean ampliamente trabajados durante la formación.

Palabras-clave: Enseñanza de Geografía. Formación docente. Narrativas (auto)biográficas. Lugar.

1. Introdução

O artigo em tela se estrutura na órbita da área de pesquisa do Ensino de Geografia e propõe uma prática que se utiliza de dinâmicas que existem no Role-Playing Game (RPG). Dentro do jogo, existe a criação do cenário, que no RPG é a construção de um lugar em que os jogadores irão fomentar suas histórias de forma colaborativa. O cenário determina os limites e possibilidades que a narrativa pode desenvolver, com características de linguagem, relevo, estrutura urbana, economia, política, cultura e outros elementos que compõem esse receptáculo para as narrativas dos jogadores, em outras palavras, é o espaço geográfico em que a narrativa está vinculada.

A pesquisa tem como objetivo principal compreender a aproximação entre a construção de cenários de jogos de RPG e sua potencialidade como meio para a elaboração de narrativas biográficas no contexto da formação inicial docente. É a partir dessa concepção de cenário lúdico no jogo que construo a proposta de concepção de uma metodologia de formação de professores que chamo de Cenários Educacionais.

A partir dessa perspectiva, busca-se refletir sobre como o espaço formativo incide sobre as experiências de vida, influenciando, de maneira direta, nos processos de constituição da identidade docente. Por fim, por meio da metodologia auto(hetero)biográfica, pretende-se analisar de que forma tais processos podem tencionar e reconfigurar o próprio espaço educacional após sua realização.

A elaboração da pesquisa se articula por meio de um curso de extensão que foi pensado e conduzido por mim e pela pesquisadora Deusa Kore-Joja Vaiceulionis, uma pesquisadora da área de Letras que aborda em suas pesquisas as marginalidades de corpos transexuais na literatura, na construção imagética e poética destas singularidades. Ela trouxe para o curso um olhar único sobre as margens e sobre o método Antropofágico em que ela pesquisa.

Neste viés, a pesquisa que elaboro a partir do curso de extensão contém a prática pedagógica de formação docente de Cenário Educacional e se vincula ao método (auto)biográfico como meio para estruturar a análise da biografia que foi construída. A pesquisa alcançou estudantes do curso de Geografia de uma universidade do estado do Rio Grande do Sul, que chamarei de lugar educacional de formação acadêmica (LEFA).

2. A urgência da educação pelo lugar

*Não há lugar achado sem lugar perdido.
Casam-se além as falas de um lugar,
no encontro da memória com a matriz.
A ausência, só,
impõe ao corpo a urgência do equilíbrio
não entre o corpo e as formas
da paisagem
mas entre as margens
da permanência a haver.
Ruy Duarte*

O poema que escolho como força artística para somar a esta escrita não foi fácil de compreender, como um bom poema deve ser, eu primeiro o senti e senti cada pedaço das sensações que ele exprime e, em seu jogo de palavras, aponta para um espaço limítrofe, um limiar que se instaura entre o lugar que se compreende como Lugar e as dúvidas que se espalham quanto à existência deste mesmo lugar. Entendo que o Lugar é o meio, e é nisto que irei me debruçar.

No campo de pesquisa do Ensino de Geografia, pesquisas que são principalmente corroboradas pelo pensamento de Freire (1997), Rego (2002) e Costella (2022), apontam para uma Geografia com significação que emergja das vivências dos estudantes e suas histórias de vida. Essas narrativas são importantes meios de criação de significados para as aulas, pois ampliam a possibilidade de encontros no processo de ensino e aprendizagem entre professor-estudante e estudante-estudante.

Quando se observa a história do ensino de Geografia no Brasil, o conceito de Lugar e a educação pelo indivíduo vêm ganhando mais espaço, valorizando as vivências e a experiência no e com o espaço. As referências de Rocha (2005) apontam que existe um projeto institucionalizado de cunho neoliberal que tenta garantir que a educação de Geografia não atinja o seu potencial emancipador, trata-se de um conjunto de práticas que estão focadas em minimizar a ação crítica do componente curricular e instaurar uma conjuntura reducionista.

Compreendo que toda mudança precisa de um entendimento que seja ancorado em determinados conceitos e articulações, o conceito de Lugar se apresenta como um meio para aprofundar a concepção de uma educação que seja potencialmente articulada. O Lugar para Milton Santos (2006), na obra “A Natureza do espaço”, compõe um conceito a partir da dialética global-local, logo, para se entender a escala do globo, basta você considerar e observar a localidade.

É notável que o campo do ensino de Geografia passou por uma ruptura significativa a partir dos anos 1990, cujos desdobramentos ainda se fazem presentes, especialmente nas transformações dos meios didáticos voltados à apreensão do conceito de Lugar. No entanto, não basta apenas vivenciá-lo: é necessário narrar e produzir camadas de compreensão que atravessam percepções individuais e coletivas, configurando, assim, uma representação complexa dessa experiência espacial.

3. Cenários Educacionais: O Lugar como meio de transformação

Ao pensar na construção de um ambiente escolar saudável, progressista, heterogêneo, diverso e fomentador de conhecimentos científicos, sociais e culturais, é preciso pensar nas suas especificidades e singularidades, pois não existe uma fórmula que sirva para todos os lugares educacionais, nenhuma pedagogia ou teoria educacional atual pode desconsiderar a máxima de que a educação de qualidade passa pela consideração de cada indivíduo e nas características destes lugares escolares.

Quando chamo de Cenários Educacionais estou ancorado no conceito de Lugar, em diálogo com Milton Santos que entende o Lugar como uma relação dialética entre o global e o local, e uma relação de encontro entre elementos que fazem sentido e dão um caminho de mudança para os estudiosos da espacialidade. Com a palavra, Milton Santos (2008):

O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao tornar-se espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contato com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado. Por isso, fala-se na imprevisibilidade do evento, a que Ricoeur (1986) chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. É esse o grande papel do lugar na produção da história, e apontá-lo é a grande tarefa dos estudiosos do espaço neste fim de século (Santos, 2008, p. 6).

O pensamento de Santos oferece uma lente poderosa para analisarmos o espaço escolar. Quando o autor afirma que “o lugar é a oportunidade do evento”, podemos entender os lugares educacionais não como um simples cenário, mas como um potencializador de encontros (eventos) entre tempos, espaços e indivíduos. Um evento escolar – seja uma aula que “clica”, um debate acalorado, um projeto coletivo ou mesmo um conflito – como diz Santos, ao mesmo tempo é “deformante e deformado”. O evento transforma as relações e a percepção do espaço (deformante), mas também é moldado pela cultura, arquitetura e dinâmicas de poder daquela escola específica (deformado).

É nessa dialética que reside a “imprevisibilidade” e a “autonomia” do evento escolar: a possibilidade de que, a partir do lugar-escola, alunos e professores (atores muitas vezes não-hegemônicos) construam histórias e saberes que escapem aos projetos meramente prescritivos. Portanto, perceber a escola, a universidade ou espaços de formação como Lugar é abrir-se para a possibilidade de que coisas novas e imprevistas possam ocorrer transformando docentes e futuros docentes, que conseqüentemente transformaram os lugares que passam a atuar.

A autora Dias (2022) traz duas construções de pensamento sobre o conceito de Lugar que emergem da relação e aproximação da Psicanálise e Geografia. A primeira é que todo lugar parte de uma significação individual e, a partir do momento que ele parte desta significação, ele só faz sentido para aquele indivíduo que está construindo aquela relação de lugar, seja ela da casa, do bairro ou mesmo do mundo.

Mas esse não é o ponto final, ao contrário, é o início da discussão, pois o lugar não é o término, ele é o princípio da relação lugar-mundo. A segunda construção que Dias (2022)

aponta é que esse lugar que é individual não é individual por uma relação de afeto simples, pontual e momentânea, ela indica que existe uma relação que faz parte do “mundo interior” que é reforçado, construído e instaurado a partir das suas próprias memórias que fazem o indivíduo ao se relacionar com um determinado espaço, atribuir as relações de lugar com esse determinado espaço.

Ou seja, eu não amo uma sala de aula apenas por ela ser aquela sala de aula. Eu amo aquela sala de aula por ela ser aquela sala de aula específica e porque eu tenho, em minhas memórias, diversas relações que me fazem ter um elo reforçado, adensado e aprofundado com aquele determinado espaço que estou me relacionando.

Neste sentido, é a partir desta construção de trocas que valorizam a subjetividade e a percepção dos indivíduos sobre o espaço que encontramos um terreno abundante para construir a pergunta que baliza essa pesquisa. Quais as potencialidades para a formação inicial docente ao construir Cenários Educacionais com estudantes do curso de geografia?

É uma pergunta que está atrelada à própria mudança cultural da sociedade em que vivemos, as diferenças se ampliaram em sentidos, as subjetividades precisam ganhar percepções menos narcísicas e as individualidades urgem por serem consideradas no cotidiano das escolas e refletidas em projetos escolares.

Com efeito, nós, como profissionais do espaço geográfico, podemos e devemos nos preocupar para além do conhecimento de nossas disciplinas, pois somos nós que podemos dimensionar e estruturar a relevância e transversalidades entre Biologia, Geografia, Matemática e Língua Portuguesa para pensar as enchentes históricas no Rio Grande do Sul em 2024, ou mesmo, refletir sobre os impactos das taxações que os Estados Unidos da América impuseram ao Brasil na crise diplomática de 2025.

Não quero aqui nos cobrir de mais responsabilidades para além das que já temos, mas abrir caminho para uma vertente do conhecimento Geográfico: a emergência do olhar geográfico para dentro de nossas escolas. É importante refletir sobre o Território, o Lugar, a Paisagem, o Global, o Corpo, o Subjetivo, os Mapas, as Narrativas e os múltiplos elementos que um espaço educacional desempenha ao ser um lugar de encontros. É um trabalho importantíssimo para nós, pesquisadores e professores de Geografia, e deve ser consolidado e continuado a partir da formação inicial docente de Geografia.

4. Cenários Educacionais como anamnese

A anamnese é uma linguagem clínica que capturo para o meu texto (meu companheiro é veterinário e essa é uma palavra que circula bastante em nossas conversas), a fim de ajudar a pensar sobre a proposta de um Cenário Educacional. Anamnese é o conjunto de perguntas que o profissional de saúde faz ao seu paciente quando ele chega em seu consultório, o termo vem do grego e significa (Aná = trazer de novo e Mnesis = memória), ou seja, buscando trazer de volta à memória o que aquela pessoa está observando em sua experiência educacional como problemático.

O Cenário Educacional é um modo de trazer à memória de quem vai ser entrevistado sobre o que é vivenciado e significativo no espaço escolar. A intenção é rememorar o lugar educacional deste indivíduo considerando: o que é lugar para ele? Como esse lugar o afeta? Por que o afeta? De que forma o espaço se torna um lugar para ele? Existem conflitos presentes neste espaço? É possível pensar nestes conflitos de forma propositiva e transformadora?

Para construir as compreensões necessárias para as perguntas que dimensiono anteriormente, construo a metodologia com uma base epistemológica e teórica baseada em Delory-Momberger (2011) com a Biografização, dimensionando a ação do ser humano que age na finalidade de integrar, estruturar e interpretar as situações e os acontecimentos vividos que, por sua vez, estão em constante interação com o tempo e o espaço (geográfico).

Pela narrativa, organizamos os acontecimentos no tempo e no espaço, construímos relações entre eles, atribuímos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós os próprios personagens de nossas vidas e que dá uma história à nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque construímos a narrativa de nossa vida (Delory-Momberger, 2011).

O segundo movimento de análise dos Cenários Educacionais irá ser direcionado pela autora Jussara Portugal (2013), visto que, ela entende que a construção da história de vida do docente é amplamente influenciada pelas suas experiências espaciais, chamando de Geo(Bio)grafias, o ato de investigar as biografias a partir dos relatos geográficos destes docentes dá uma dimensão importante para a compreensão das experiências de vida que reverberam em diferenças importantes destes docentes.

“Tempos e espaços são inseparáveis. Tempos e espaços que trazem as marcas do vivido,

do experienciado nos movimentos migratórios que demarcam os caminhos trilhados, dando forma ao modo de ser, pensar, agir e atuar na profissão docente” (Portugal, 2013, p. 40).

A autora entende que a compreensão do lugar é importante para que professores possam significar suas experiências de uma forma que qualifique também a sua docência de um modo mais íntimo e potencializado. As vivências e a prática de vida a partir da ideia de lugar são algo que intensifica e traz camadas para o que ela chama de “Cenários”.

É nesta organização de pensamento metodológico que se amplia o conceito de Portugal (2013) para um desdobramento que chamo de Cenários Educacionais. O objetivo da metodologia construída é dar mais um passo na direção da perspectiva do ensino de Geografia pelo Lugar, solicitando que as pessoas que estão em processo de formação ou mesmo docentes já formados, após alcançarem as suas percepções sobre seus Cenários Educacionais, possam cruzar essas informações com as potencialidades que emergem do ambiente escolar.

Por fim, o processo de auto(hetero)biografização de Abrahão (2023) surge como um movimento final de pensar sobre aquilo que as participantes do projeto compreendem sobre si mesmas e suas narrativas depois de dividir com o grupo as suas percepções sobre as suas narrativas. Pois já houve dois momentos anteriores, o de organização das experiências de vida (biografização), o diálogo entre os pares sobre aquilo que foi posto no cenário construído (hetero) e o diálogo reflexivo que se constrói após as duas fases anteriores (auto). Este último, por sua vez, é o mais delicado e que nos aponta maior potencial de formação docente.

Neste contexto, o que defendo aqui é que o Cenário Educacional articula o Lugar dentro da escola com o potencial de (auto)formação Biográfica a partir deste ambiente de encontro que é o espaço escolar. Uma vez que cada Lugar só é um lugar porque o indivíduo que está dialogando conosco assim o faz, trazendo memórias do passado e o conectando com este lugar, dotando sentidos e moldando a perspectiva singular.

Assim, o maior potencial do Cenário Educacional não é a caracterização de um cenário, mas a percepção do que se apresenta no presente, a compreensão do que se traz do passado para assim pensar a construção de novas narrativas nestes espaços educacionais no futuro. Este potencial ganha mais importância ainda quando falamos sobre a utilização desta metodologia para professores em formação, pois permite que essa dinâmica de autoformação seja uma semente que só vai crescer por conta das infinitas possibilidades de perceber e articular os Cenários Educacionais que estes profissionais irão percorrer.

5. Experiência de construção de cenário

A metodologia de Cenários Educacionais se deu a partir da idealização e aplicação do curso de extensão intitulado “Marginalidades Insurgentes: confluências entre antropofagias e descolonialidades no presente”. O curso foi pensado para alcançar estudantes do curso de Geografia ainda em sua formação e ampliar a percepção sobre as suas identidades. Com isso, conseguimos debater questões que dizem respeito à complexidade da identidade docente que é construída em múltiplos momentos da vida e que vai se constituindo de forma heterogênea, não linear e inacabada.

Tardif (2002) e Costella e Rego (2025) entendem que essa identidade é alimentada por fatores familiares, memórias escolares, acadêmicos, bibliográficos, sindicais, estruturais do espaço escolar e entre outros fatores que foram tensionados para lugares como influências digitais, aulas remotas e experiências de vida.

Morais e Cavalcanti (2024) defendem que é de grande importância a consolidação de currículos de ensino de Geografia que valorizem e impulsionem a construção de didáticas para o ensino de Geografia. As autoras apontam que este movimento já ocorre nas universidades brasileiras, segundo levantamentos feitos em Projeto Pedagógico Curricular (PPC) de 2006 até 2020, mas esse conhecimento está pulverizado, possui poucas disciplinas, apresenta foco em conceitos e não na articulação do conceito. Eu aponto que falta a ampliação com as experiências de vida do estudante.

Figura 01 – Divulgação nas redes sociais do curso de extensão



Fonte: o autor (2025).

Durante o curso, que teve a duração de 4 semanas, visitamos temas como a multiplicidade do território, a construção da territorialidade do indivíduo, a de(s)colonialidade na perspectiva latino-americana e processos de percepção da subjetividade de si por meio da escrita de textos, e por fim, o curso culmina na proposta de construção dos Cenários educacionais, que consistia em aplicar o conjunto de perguntas para serem respondidas. Não existe obrigatoriedade de se preencher todas as respostas, o que interessa para a biografização é o exercício de organização da memória no que diz respeito as experiências vividas no espaço de formação acadêmica em que as estudantes cursam Geografia. As perguntas aplicadas estão no Quadro 1.

Quadro 1 - Lista de perguntas direcionadoras do Cenário Educacional

1	Descrições do cenário (cidade, bairro, escola)	Descreva o lugar físico e político do seu cenário, produzindo registros de detalhes sobre como você o percebe.
2	Data de fundação, eventos históricos e data atual	Faça uma pesquisa e relatoria sobre o histórico da sua instituição, busque registrar informações que você conhece e que você compreende como importantes para uma marca deste cenário.
3	Quais os principais atores/agentes do cenário?	Pense nas pessoas que compõem esse lugar, escolha pessoas que fazem esse lugar fazer sentido para você, podendo trazer referências mais pessoais até pessoas que ocupam cargos que são relevantes.
4	Principais marcadores territoriais (monumentos, salas, casas antigas, praças, quadra de esporte, prédios, escombros, etc...)	Aqui falamos dos marcadores do território, é mais do que uma descrição física, mas uma elaboração de identidade territorial do cenário, podendo ser espaços pensados para suas funções atuais ou espaços que possuem diferentes funções sociais durante a sua experiência com o cenário.
5	Estórias que compõem o imaginário do território	Aqui você deve registrar aquilo que considera importante para a construção informal de identidade e da memória deste espaço educacional.
6	Quais os lugares em que as pessoas interagem neste território (salas, refeitório, DCE, salas de vídeos, quadras e áreas externas)	Registre aqui relatos pessoais de lugares onde as pessoas dialoguem, onde possuem interações significativas ou não significativas, mas pense em espaços que as articulações sociais são desenvolvidas.
7	Já existiram conflitos territoriais (internos ou externos) envolvendo o território?	Pense nos conflitos territoriais de uma forma ampla, podendo ser de cunho físico, político, psicológico, conflitos de gênero, conflitos étnico-raciais, conflitos de poder, entre outras formas que deixam o território em disputa.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

As perguntas elaboradas fazem parte de uma junção do cenário de Portugal (2013) com a forma em que no jogo de RPG os cenários são tensionados para ajudar a pessoa que está construindo ele possa ter direcionamentos sobre como pensar neste cenário. Essas perguntas não são fechadas e nem com o intuito de serem todas respondidas, mas elas nos dão palavras e linguagens que auxiliam na percepção do Lugar, da Paisagem e do Território que está sendo narrado pela pessoa que participa da formação.

O motivo de chegar até este espaço de aplicação da pesquisa se dá pela observação de que, no espaço da LEFA, em outras experiências que exerci ali como professor e fomentador de cursos e palestras, alguns estudantes relatavam que a sua formação docente ficava voltada à questão de apreensão de conteúdos voltados à Geografia, portanto, compreendi a necessidade de uma disciplina que trabalhe com a constituição da identidade docente.

Ao perceber isso, nasceu o interesse em propor uma formação que culmine com uma prática que vincule a teoria e conceitos com a abordagem (auto)biográfica na promoção de aprofundamentos no subjetivo e no lugar dos participantes da pesquisa. Entendendo que há nela uma possibilidade de conduzir o indivíduo a ser autônomo e autoral com o seu processo formativo, ao perceber na sua experiência com o lugar e com aquilo que ele exerce, sente e troca uma forma de produzir o seu próprio conhecimento docente (Menezes, 2023).

6. Análise dos Cenários Educacionais

Marie Christian Josso (2020) indica em seu texto que há duas formas de construir abordagens a partir do método (auto)biográfico e, conseqüentemente, nos direciona para duas funcionalidades que emergem do trabalho com as histórias de vida, o primeiro diz respeito à “narração temática da vida” (Josso, 2020, p. 11), que pode ser um grupo específico de pessoas, como por exemplo, mulheres grávidas ou estudantes de Geografia, migrantes ou pessoas com deficiência. A segunda funcionalidade é das “temáticas de transições durante a vida” (Josso, 2020, p. 11) que diz respeito a um espaço e uma temporalidade específica e assim compreende sobre os temas que emergem desta narrativa de vida em uma determinada experiência biográfica.

Neste âmbito, a forma como penso essa análise está ancorada na segunda abordagem, dentro deste paradigma (auto)biográfico, porém, não posso deixar de destacar, que ao pensar sobre um determinado espaço e tempo e abrir um curso de formação dentro da faculdade de Geografia, já temos alguns temas que serão correlatos ao recorte social, espacial e cultural.

Percebo que este é um potencial do método, a grande variedade de combinações entre esses elementos temáticos e de relações espaço-temporais que variam entre as pessoas, as experiências de vida e a escolha dos indivíduos da pesquisa também influenciam na proposta que está sendo pensada pelo autor da pesquisa ou grupo. Portanto, se faz imprescindível a nitidez de intenções diante do seu objetivo de pesquisa e a forma como são conduzidos os momentos de encontro.

Retomando os objetivos da pesquisa, são três, a de compreender as temáticas que emergem diante da narração das experiências de vida que as estudantes de Geografia relatam, buscando ouvir, evidenciar, grafar e propor reflexões sobre as memórias dentro da transição de vida que é uma graduação. Mensurar como que essas memórias repercutem na formação inicial destes discentes ancorando por meio de temas da Geografia ou mudanças dentro da experiência acadêmica. Por fim, quais as potencialidades do uso da metodologia de construção de Cenários Educacionais e as suas dificuldades apresentadas, considerando que é uma técnica de um jogo que está sendo transposto como uma técnica para realizar uma investigação (auto)biográfica.

Das sete estudantes que se matricularam no curso, inicialmente, duas foram as que seguiram a construção do Cenário Educacional. Ambas escolheram codinomes que se vinculam com as suas identidades e que deixam evidente parte do que elas construíram

dentro do processo de construção (auto)biográfica que foi proposta, embora a possibilidade de usarem seus próprios nomes também foi algo que foi ofertado para elas. Com isso, teremos a análise de Elza Lya Maya e de Vitória-Régia.

Com a palavra, Elza Lya Maya.

Elza Lya Maya é uma estudante de geografia da LEFA, ela está no final do curso e faz também a licenciatura em História. A escolha deste nome se dá em homenagem a Elza Soares, e a cita como exemplo de força musical e política e que fortalece a força da mulher como protagonista da sua história. O restante do sobrenome é oriundo do próprio nome da estudante, em uma espécie de jogo com as letras de seu nome. Viva a Elza!

Ao aplicar a análise biográfica a partir da narrativa que foi construída por Elza, é possível perceber uma ideia sobre a universidade que ganha destaque, o fato de a Universidade parecer solitária e vazia, interessantemente, essa percepção se modifica quando ela pensa nas pessoas que fazem a universidade.

Para ela, a camada política é algo muito importante dentro da universidade, fazendo com que ela se envolva em movimentos sociais e estudantis dentro da LEFA. Com essa dinâmica que se instaura, Elza Lya Maya percebe que a universidade é muito maior do que construir conhecimento teórico, mas ela se faz a partir das pessoas e se disputa também a partir das pessoas. Fica marcado com a fala “O bloco H que foi um fato marcante para nós que é onde colocaram a medicina e tiraram as humanidades”, que as disputas políticas dizem respeito a fatores de classe social e de suposta importância que determinados cursos possuem dentro do cenário de um campus universitário, pois esse conflito territorial é exemplo desta desigualdade de importâncias dentro da universidade.

A professora em formação marca sua experiência na universidade em diversas maneiras, mas é na luta política pelo espaço e o direito de estudar independente da sua cor de pele, de seu gênero ou do seu posicionamento político que a maioria das falas sobre a biografia dela vem à tona. Ela entende que o direito à educação é algo que precisa ser garantido politicamente e que a história de vida dela, como estudante de Geografia e História, representante do Diretório Central dos Estudantes (DCE)¹ e que trabalha em um sindicato dos metalúrgicos, fazem dela uma pessoa apta para lutar mais pelos seus direitos políticos.

¹ - Diretório Central dos Estudantes é uma entidade que representa estudantes tomam decisões políticas que dizem respeito a direitos e organizações a respeito da classe de estudantes de uma universidade ou curso de graduação. Geralmente ocupa um lugar físico como uma sala e os estudantes se reúnem ali para socializar.

Quando relaciono a narrativa de Elza com o conceito de Geo(bio)grafias, percebo que a análise do lugar que ela nos oferece é marcada por quatro perspectivas. Ela entende que a universidade é um espaço de construção política e disputa de interesses entre o público e o privado. Isso fica marcado em diversos momentos em que ela fala que a mensalidade da Universidade deveria ser mais barata, a comida na universidade deveria ser mais barata, e o acesso à universidade deveria ser facilitado, pois as linhas de ônibus não atendem as demandas dos estudantes e muitas das vezes eles precisam pagar um transporte particular para saírem da universidade.

Ela compreende que as pessoas são valorizadas de formas diferentes dentro do espaço da universidade, uma vez que o bloco H foi trocado para que os estudantes de medicina pudessem utilizá-lo em detrimento dos Estudantes das humanidades. Essa relação que ela nos apresenta é marca desta percepção que tem sobre a universidade que frequenta, considerando-a desigual e marcando a sua narrativa com falas que dizem respeito à disputa de território no ambiente acadêmico.

A estudante indica que o DCE é aberto para que as pessoas tenham diálogos entre si, tanto entre distintos cursos como dentro do próprio curso em que ela atua. Por vezes, ela fala sobre o fato de entrar silenciada e sair silenciada da universidade, podendo dialogar apenas em espaços como o DCE. Por fim, retoma a compreensão de que o espaço da universidade é solitário e que, embora ela considere muito bonito esteticamente, tem pouca chance de trocas sociais que propunham mudanças e sejam heterogêneas.

O próximo passo da análise que passa pela proposta por Abrahão (2023) da auto(hetero)biografização, nos leva a refletir sobre as impressões e aprofundamentos que a própria Elza faz das suas narrativas. E neste momento a potência se amplia dentro da proposta (auto)biográfica.

Elza é funcionária do Sindicato de Metalúrgicos e ela indica que em outros momentos já teve um empréstimo de caminhão e de carro de som para favorecer a luta estudantil. Ela também entende que é muito importante pessoas como ela que conseguem se visualizar dentro da universidade como estudantes, mas ainda assim conseguem pensar como profissionais ou trabalhadores, exercendo o seu direito de estudantes tanto em seus lugares de trabalho como trazendo esses conhecimentos e articulações para dentro da universidade, ou seja, ela entende que os estudantes da LEFA são trabalhadores, e que é muito importante que esses trabalhadores possam se utilizar do espaço da universidade e também possam

pagar a sua universidade de uma forma mais acessível, pois em muitos momentos ela critica a dificuldade de acesso e para se manter nos cursos.

Em diálogo, perguntei para ela como que ela se lê dentro deste espaço e, não surpreendentemente, ela indica o potencial político que é ser uma mulher negra e da classe trabalhadora que ocupa esse espaço, porém, algo que chama atenção é o destaque que ela atribui ao se identificar como “um corpo 40 anos mais” trazendo mais uma camada em relação a sua idade e quais os efeitos sociais, políticos e culturais que ter esses tipos de características influenciam para a sua experiência como estudante da graduação.

Neste cenário, Elza é uma mulher que marca o espaço a partir da insistência e, inicialmente, ela tinha muita dificuldade de se entender dessa maneira, pois ela apenas sentia como que o espaço demonstrava resistência à existência do corpo dela, do que ela se mostrava e da presença que ela marcava naquele lugar, e junto a isso, ela relata solidão e por vezes não se sente pertencente àquele lugar, porém, depois que ela começou a fazer parte do DCE, ela indica que essa visão passa a modificar-se e ela começa a se entender como uma pessoa participante desse espaço, mais do que isso, ela se entende como alguém que pode modificar esse lugar para que outras pessoas também possam se sentir aceitas e possam auxiliar a reivindicar mais direitos para esses estudantes.

Ela destaca com veemência que, por um atraso de 10 dias da sua mensalidade, ela quase perde a oportunidade de ser bolsista dentro de um programa de bolsa e isso foi um marco para ela dentro da sua formação docente, porque ela compreendeu como a burocracia também é um mecanismo que afasta as pessoas tanto da sua condição de estudante como da sua facilitação ou permanência dentro dos espaços educacionais de nível superior.

Um temário que foi bastante abordado por Elza foi a questão da saúde mental, ela relata que por muitas vezes ela se sentiu calada, desafiada e invisibilizada dentro dos espaços de sala de aula, seja por professores ou por outros estudantes. Ela entende que o espaço da universidade é um lugar machista e que impera o patriarcado e que, em muitos momentos, tentaram calá-la.

Esse fato a marca de forma profunda, pois a saúde mental é algo que vai determinar a permanência da pessoa na universidade e os próximos passos que ela vai dar diante da sua carreira como professora ou mesmo em seguir os passos como pesquisadora no mestrado ou no doutorado.

Elza entende que políticas públicas em favor da Saúde Mental devem ser fortemente fomentadas e discutidas tanto na universidade quanto em espaços escolares, uma vez que é nítido que ela e outras colegas constantemente relatam sobre o quanto estão se sentindo cansadas e adoecidas e com problemas psicológicos.

Com a palavra, Vitória-Régia.

A próxima pessoa que está sendo acompanhada dentro desta pesquisa atende pelo codinome de Vitória-Régia, que é uma planta aquática da Amazônia e possui uma lenda em torno da sua existência. A lenda conta que uma linda moça indígena chamada Ainá seria escolhida pela lua em um concurso de beleza, a vencedora se tornaria uma estrela vivendo ao lado da lua. Mas, ao final, a jovem moça não conseguiu aguardar o tempo das fases da lua e, na primeira oportunidade, se lançou no rio ao ver a imagem da lua refletida nele, a moça morreu afogada, e a lua benevolente a transformou em uma estrela diferente, uma planta que tem as suas flores semelhantes a uma estrela, a vitória-régia. Essa lenda pode ser acompanhada no programa Catalendas.

A lenda da vitória-régia se relaciona de uma forma muito potente com a história que nos foi narrada durante o processo de construção dos Cenários Educacionais, pois a estudante de Geografia Vitória-Régia narra sobre não ser percebida, ela descreve um sentimento de rejeição, como a jovem Ainá na lenda da Vitória-Régia. Ela descreve a LEFA como um lugar muito bonito e com pessoas de diversas idades, pois o mesmo ambiente acolhe também uma escola de ensino médio e acolhe cursos na área da economia na área da educação. Mas, diante de toda essa diversidade, ela indica que as pessoas se falam muito pouco entre si e que, muitas das vezes, ela não consegue se comunicar com ninguém. “Passam como se você estivesse invisível, passam perto de você e não são capazes de dizer um bom dia, uma boa tarde ou um boa noite”.

O relato que a Vitória-Régia nos oferece é muito rico para pensar tanto sobre a maneira como ela se entende dentro desse espaço educacional, como o próprio conflito que ela relata sobre não saber como reagir em relação a esse fato, pois, em muitos momentos, ela pensa em tentar conversar com essas pessoas que fazem parte deste cenário, mas ao mesmo tempo, ela entende que essa forma de comportamento que se instaura neste ambiente possa ser um reflexo cultural do lugar. Aqui eu percebo que se instaura uma crise na história de vida da Vitória-Régia, pois ela é uma mulher migrante que veio do norte do Brasil, mais especificamente de Belém do Pará, e ela relata que não é a maneira como ela é acostumada a socializar, pois em seu lugar de origem as pessoas conversam e interagem, mas na

universidade, ela percebe o contrário.

Com a biografização, Vitória-Régia se pergunta como deve agir, se ela segue a cultura que está sendo apresentada a ela e normaliza a falta de comunicação entre as pessoas ou se ela passa a inserir o seu modo de ser e agir de acordo com as suas experiências de vida. A oportunidade que ela recebeu com a formação (auto)biográfica foi a de conseguir grafar a sua cultura e ler a cultura que está posta na universidade em que ela cursa a graduação e construir perguntas sobre a forma como ela aponta perceber-se no espaço de formação.

Já sobre universidade, ela destaca uma sala de maquete como algo que a deixa animada, visto que, ela sente vontade de criar muita coisa ali e é possível perceber na forma que ela expressa a sua alegria que o criar muita coisa está amplamente vinculado a um sentimento positivo e feliz de pensar a sua identidade docente, pois ela demonstra grande paixão em se pensar criando maquetes dentro da proposta de ensinar Geografia.

“Ou seja, se eu não me lembrar que sou gente, sou pessoa que tem uma identidade, que eu tenho uma educação, se eu não me lembrar ou não esquecer disso a interação não existe, não acontece, não adianta”. Esse relato me causou espanto, mas não quando eu ouvi durante a prática empírica, mas quando eu me deparei com ele durante a análise, pois é muito difícil ficar neutro diante desta afirmação, e já adianto que não fiquei, mas é preciso construir um direcionamento analítico e que seja racionalmente embasado para lidar com esse tipo de declaração dentro da pesquisa (auto)biográfica.

A Vitória-Régia tem uma percepção sobre o Lugar que transpassa a literalidade que se espera ao construir uma análise Geo(Bio)gráfica, pois ao pensar sobre este Lugar que forma o docente, Portugal (2013) leva em consideração fatores descritivos, quantitativos e até mesmo sobre as subjetividades destes lugares no âmbito cultural. Mas o que a Vitória-Régia relata é molhado, é profundo, é afogador. Sentir que é negada a capacidade de ser gente, de pensar e de pertencer.

Lembrei-me de Ponciá Vivencio, narrado por Conceição Evaristo, que narrava o silêncio dos homens da sua vida. Recordei também de Carolina Maria de Jesus, que narrou se sentir o lixo que eles jogavam fora, como quem é lançado em um quarto de despejo. Não pude deixar de pensar no texto que usamos durante as aulas do curso que ancorou essa prática, indicação da professora Deusa Kore-Joja, “A terceira margem”, de Guimarães Rosa, e a pergunta que reverbera é: O que fazer com aqueles que nos entregam o silêncio? E com o desprezo? E com a fuga? O que fazer com o que sobra de nós, quando o lugar nos oferece um não?

Em verdade, compreender que ela é diferente dos demais estudantes e professores é uma grafia que inicia no seu próprio corpo, é uma escala que mergulha, uma topografia de emoções, e é sobre isso que estamos investigando, utilizando um método de pesquisa tão desafiador. Ela é uma migrante que vem do norte do Brasil, é uma mulher que volta a estudar depois de muitas experiências na vida e agora passa a lidar com o desafio que está no campo da identidade, da socialização e da sua própria visão sobre si. Ofereço-lhes o que a Vitória-Régia fez com o que fizeram com ela.

Costella (2022), em diálogo com Paulo Freire, aponta que um docente nunca está acabado, ele forma-se e deforma-se constantemente. Quando ela expressa por meio da linguagem falada o sentimento de não se sentir uma pessoa, está ocorrendo um processo de perceber-se em si mesma, ela se escuta e é neste momento que compreendo que a autoformação acontece, pois ela complementa dizendo que hoje ela passa a entender que ela tem identidade e que precisa defender essa identidade. Com a formação, ela percebe que a sua identidade deve ser exposta, admirada, defendida e que a sua experiência de vida é o que a faz especial, diferente e necessária.

7. Considerações conclusivas e provocativas

O Cenário Educacional ganha força quando é pensado em um ambiente que poderá reverberar como meio para propor mudanças construtivas e direcionadoras, e não como um produto final e sem diálogo, portanto, compreendo que o processo de auto(hetero)biografia é imprescindível para o processo de formação que se proponha a aplicar a metodologia de construção de Cenários Educacionais, pois é nesta fase em que as discussões e aprofundamentos são mais profícuas e atingem processos de transformação do eu com o indivíduo, do eu com o outro e do eu com o ambiente.

Destarte, se você está lendo este artigo até aqui, é possível que algumas destas perguntas já tenham passado em sua mente: como eu estudo? Como eu aprendo? Quem que estuda/estudou comigo? Como ocorrem/ocorreram essas interações? Eu me relaciono com as pessoas da sala de aula? Eu interajo/interagia com o meu DCE? Eu estou interessado somente no ensino do conhecimento geográfico, ou eu estou interessado nas interações com os colegas de História, Psicologia e Biologia do meu campus? Estou interessado em Geografia ou o que me conecta com a universidade é muito mais o potencial político aqui dentro? Quero dedicar um parágrafo para falar sobre o paradigma da pesquisa (auto)biográfica, Josso (2020), que

ficou evidente com a fala da Vitória-Régia: “Eu vou usar as suas palavras na aula passada”. Aqui é possível perceber que as falas da Vitória-Régia apontam sobre um tema que foi discutido durante o curso de extensão. Portanto, a biografia ocorreu focando no período de formação, não foi intencional, mas a biografia acaba se vinculando a ideias e temas que foram anteriormente citados (territorialidade, lugar e cultura), e é uma espécie de atmosfera simbólica em que a pessoa que está em formação acaba construindo interações e entregando relações que dizem respeito à formação em si, logo, não podemos dizer que a investigação Biográfica tenha sido neutra, nem sei se é possível essa neutralidade, e afirmar isso é importante para que tenhamos consciência sobre as narrativas que evocamos e que estamos interessados quando propomos o trabalho com a (auto)biografia.

Percebo que a metodologia do Cenário Educacional evoca um Lugar descritivo, quantitativo, qualitativo, crítico e subjetivo, pois evidencia camadas de percepções daquilo que também é desgostoso, da falta de interação, do silêncio e da insatisfação. Logo, esse lugar que emerge da metodologia mostra-se como um meio ou um caminho para construir outras formações pedagógicas ou outras práticas pedagógicas dentro deste espaço educacional.

Para Menezes (2023), a construção do ser docente se manifesta a partir das histórias de vida do indivíduo e ganha fios e camadas que são postas em reflexões que se evidenciam com a busca (auto)biográfica. Destaque para as memórias de Elza, por meio das quais é possível compreender que a sua identidade docente está se moldando com os processos de aprendizado sobre as suas próprias práticas políticas e acadêmicas, aprendizado com os outros que a cercam, pois ela detalha a importância de ter conhecido pessoas que fazem parte do DCE e que essas pessoas a ajudaram a se sentir pertencente ao espaço acadêmico, e relata sobre os aprendizados que construiu quando lutou na ocupação do “bloco H” não ser desapropriado e quando luta por melhores condições de mensalidades, preços de refeições e políticas públicas de benefícios aos estudantes como a saúde mental, é uma luta constante e que deve ser potencializada.

Por fim, no caso da Vitória-Régia, ela deixa isso marcado quando narra sobre uma aula no PIBID e ela discorda de um colega estagiário que afirmou algo sobre as cidades do norte do Brasil e ela precisou defender o seu ponto de vista, utilizando a sua experiência como uma mulher migrante do norte do Brasil e construindo o seu argumento no momento da aula.

O Cenário Educacional se mostrou uma proposta metodológica possível, provocativa, reflexiva, estruturadora de grafias e potencial no sentido (auto)formativo, pois é uma prática

que é possível que recaia na dimensão da descrição de um determinado lugar, e a potência dele está na construção narrativa que é desencadeada por esse elementos que instiga a pensar o Lugar como evento deformante e deformado.

8. Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Biografização/heterobiografização: elaboração memorialística de uma personagem auto(hetero)biográfica em formação docente. **Linhas Críticas**, v. 29, e47664, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc29202347664>. Acesso em: 18 out. 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação**. Educ. Rev., Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 333-346, abr. 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100015. Acessos em: 08 jan. 2026.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: onde a psicanálise e a geografia se encontram**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p40-54>. Acesso em: 22 out. 2025.

MENEZES, Victória Sabbado. O que me tornou quem sou?: (geo)grafias de si na formação inicial de professores. **Signos Geográficos**, Goiânia, v. 5, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/74411>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; CAVALCANTI, Lana de Souza. A didática na formação de professores de geografia no Brasil: elementos para análise de sua relevância na docência. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 251-276, abr. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/79005/41000>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **Quem é da roça é formiga!: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais**. 352 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/teses/2013/0109141653.pdf>. Acesso em: 2 maio 2025.

COSTELLA, Roselane; REGO, Nelson. Adoecimento e superação: imbricamento de espaços e tempos na vida de professores que manifestam sentir-se sob a pressão do cotidiano. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 29, n. 1, p. 227-240, jan./dez. 2025. Disponível em: <https://www.ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/4175/2778>. Acesso em: 22 out. 2025.

COSTELLA, Roselane Zordan. O resgate de nós mesmos pelas pontas – pelos fios. In: COSTELLA, Roselane Zordan; MENEZES, Vanessa Soares (Org.). **Retalhos em trama**: entre os

fios do narrar, docenciar e geografar. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2022. p. 59–77.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REGO, Nelson. **Geração de ambiências: três conceitos articuladores**. *Terra Livre*, São Paulo, Ano 18, n. 19 p. 199-212 jul./dez. 2002. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/167/153>. Acesso em 28 ago. 2025.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. A Geografia Escolar e a Consolidação do Projeto Educacional Neoliberal no Brasil. **Revista Fluminense de Geografia**, Niterói, v. 1, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/revista-fluminense/article/view/2167/1741>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2006.

SANTOS, Milton. O lugar: encontrando o futuro. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, n. 6, set. 2008. Disponível em: <https://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2023/05/O-Lugar-Encontrando-O-Futuro-MiltonSantos.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.